



Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Filosofia Artes e Cultura
Departamento de Artes Cênicas



Regiana Nunes Pereira

O que está por trás da sua vergonha?
Escrever como prática de escuta para a prevenção de violências

Ouro Preto -MG
2025

Regiana Nunes Pereira

O que está por trás da sua vergonha?

Escrever como prática de escuta para a prevenção de violências

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Artes Cênicas – Licenciatura do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial para a obtenção do diploma de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientadora: Profa. Dra. Elvina Maria Caetano Pereira
Coorientadora: Me. Maria Luiza Caetano Pereira

Ouro Preto -MG
2025



FOLHA DE APROVAÇÃO

Regiana Nunes Pereira

O QUE ESTÁ POR TRÁS DA SUA VERGONHA? Escrever como prática de escuta para a prevenção de violências

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas

Aprovada em 26 de março de 2025

Membros da banca

Profa. Dra. Nina Caetano (Elvina Maria Caetano Pereira) - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Ms. Tamira Mantovani Gomes Barbosa - (Universidade Federal de Minas Gerais)

Nina Caetano (Elvina Maria Caetano Pereira), orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 19/03/2026



Documento assinado eletronicamente por **Elvina Maria Caetano Pereira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/03/2026, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1077765** e o código CRC **4C731944**.

RESUMO

Este artigo aborda a erotização precoce e a violência sexual no contexto escolar, com base em experiências vivenciadas ao cumprir os estágios de docência durante a minha graduação. A pesquisa discute situações de abuso e sexualização de crianças e adolescentes observadas em eventos escolares e reflete sobre a falta de formação adequada para docentes no enfrentamento dessas questões. Além disso, explora a importância de práticas artístico-pedagógicas de acolhimento e prevenção, enfatizando-se a necessidade de criar espaços seguros de escuta, informação e diálogo. Apresento, também, a oficina: *O que por trás da sua vergonha? - Oficina de escrita através da escuta ativa*, realizada com estudantes do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual João Ramos Filho, cujo objetivo foi promover um espaço de diálogo acerca de questões candentes do cotidiano de adolescentes. Diferente das disciplinas tradicionais, que raramente contemplam tais temáticas em suas abordagens pedagógicas, a oficina possibilitou, por meio de práticas performativas, a discussão de assuntos como a sexualização dos corpos adolescentes, relacionamentos abusivos, racismo e autoestima. Nesse contexto, é pertinente destacar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) incluíam entre seus temas transversais a chamada "orientação sexual", uma tentativa inicial de abordar as questões de sexualidade e gênero, ainda que de forma limitada e superficial. Com a chegada da Base Nacional Comum Curricular, essa temática passou a ser tratada de modo mais genérico, inserida em princípios como o respeito à diversidade, à igualdade e ao combate à discriminação. Essa reformulação, entretanto, reduziu a ênfase e a clareza sobre a abordagem da sexualidade no contexto escolar, o que foi interpretado por educadores e movimentos sociais como um retrocesso, já que enfraqueceu a referência institucional para tratar o tema de forma direta e garantida. A relevância de tratar essas questões no ambiente escolar se evidencia pela ausência de espaços institucionais que favoreçam o debate sobre tais experiências. A falta de diálogo sobre esses temas leva estudantes a internalizarem dúvidas, angústias e denúncias, contribuindo para a perpetuação de ciclos de violência, silenciamento e desinformação.

Palavras-chave: Erotização precoce; violência sexual; escrevivência; práticas performativas; escuta ativa; relações de gênero; abuso infantil.

RESUMEN

Este artículo aborda la erotización temprana y la violencia sexual en el contexto escolar, basado en experiencias vividas al cumplir las etapas de docencia durante mi graduación. La investigación discute situaciones de abuso y sexualización de niños y adolescentes observadas en eventos escolares y reflexiona sobre la falta de formación adecuada para los docentes en el manejo de estas cuestiones. Además, explora la importancia de las prácticas artístico-pedagógicas de acogida y prevención, haciendo hincapié en la necesidad de crear espacios seguros de escucha, información y diálogo. También presento el taller; *¿Lo que hay detrás de su vergüenza? - Taller de escritura a partir de la escucha activa*, realizado con estudiantes de tercer año de la escuela secundaria estatal João Ramos Filho, cuyo objetivo fue promover un espacio de escucha y diálogo sobre temas candentes de la vida cotidiana de los adolescentes. A diferencia de las disciplinas tradicionales, que rara vez abordan estos temas en sus enfoques pedagógicos, el taller facilitó, a través de prácticas performativas, la discusión de temas como la sexualización de los cuerpos adolescentes, las relaciones abusivas, el racismo y la autoestima. En este contexto, es pertinente destacar que los Parámetros Curriculares Nacionales (PCN) incluyeron la denominada "orientación sexual" entre sus ejes transversales, un intento inicial por abordar cuestiones de sexualidad y género, si bien de forma limitada y superficial. Con la llegada de la Base Curricular Nacional Común, este tema comenzó a tratarse de forma más genérica, insertándose en principios como el respeto a la diversidad, la igualdad y la lucha contra la discriminación. Sin embargo, esta reformulación redujo el énfasis y la claridad en el abordaje de la sexualidad en el contexto escolar, lo que fue interpretado por educadores y movimientos sociales como un retroceso, ya que debilitó la referencia institucional para abordar el tema de forma directa y garantizada.

La relevancia de abordar estos temas en el ámbito escolar se evidencia en la ausencia de espacios institucionales que favorezcan el debate sobre estas experiencias. La falta de diálogo sobre estos temas lleva al alumnado a internalizar dudas, ansiedades y quejas, lo que contribuye a perpetuar ciclos de violencia, silenciamiento y desinformación.

Palabras clave: Erotización temprana; violencia sexual; arte-educación; género; abuso infantil.

A EROTIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ENSINO BÁSICO

A infância e a adolescência são períodos de intenso desenvolvimento físico, emocional e social, nos quais os indivíduos estão suscetíveis a passar por diversas formas de violência, incluindo a erotização precoce e a violência sexual. Essa problemática, muitas vezes naturalizada no contexto sociocultural, exerce impactos significativos no desenvolvimento educacional e nas relações interpessoais dos indivíduos. A infância e a adolescência são períodos de intenso desenvolvimento físico, emocional e social, nos quais os indivíduos estão suscetíveis a passar por diversas formas de violência, incluindo a erotização precoce e a violência sexual. A adolescência, nesse contexto, pode ser compreendida não apenas como uma fase biológica, mas também como um processo cultural, cujos limites variam de acordo com o meio social. A Organização Mundial da Saúde (OMS) delimita essa etapa entre os 10 e 19 anos, embora alguns países discutam sua ampliação até os 24. Trata-se de um período de intensas transformações físicas, psíquicas e sociais, marcado por instabilidades emocionais e busca de identidade, características denominada como “Síndrome Normal da Adolescência” (KNOBEL, 1981). Nessa fase, os adolescentes também vivenciam maior vulnerabilidade às influências e aos conflitos do meio social, encontrando nos grupos de pares um espaço de identificação e pertencimento.

Neste estudo, discuto tais questões a partir da experiência adquirida no Programa de Residência Pedagógica (PRP) – realizado na Escola Municipal Aleijadinho, localizada no distrito de Santo Antônio do Salto, área rural da cidade de Ouro Preto (MG) – e da oficina conduzida na Escola Estadual João Ramos Filho, localizada no bairro Cabanas, área periférica da cidade de Mariana (MG). O PRP, instituído nacionalmente pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior por meio do Edital nº 06/2018, integra a Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica e tem como propósito aproximar a teoria da prática, promovendo a vivência direta do licenciando no cotidiano escolar. Essa imersão, realizada em parceria entre as universidades e as redes públicas de ensino, busca fortalecer a formação docente por meio da reflexão crítica sobre o fazer pedagógico, a observação e a regência em sala de aula.

Busco analisar algumas práticas culturais, como festividades escolares e interações sociais que, desprovidas de orientação qualificada, podem contribuir para a sexualização precoce de crianças e adolescentes. Além disso, investigo as limitações do ambiente escolar no enfrentamento destes desafios, considerando a carência de formação docente específica e a ausência de espaços institucionais de escuta e acolhimento.

Nesse contexto, a oficina realizada com estudantes do terceiro ano do ensino médio é apresentada como estratégia artístico-pedagógica para fomentar o diálogo, valorizando as vivências da turma e proporcionando um ambiente coletivo para reflexões sobre temas como a sexualização dos corpos adolescentes, a criação de autoestima e as violências presentes no racismo cotidiano. Sabe-se que neste período de tantas mudanças, a necessidade de reflexão e expressão pessoais são fundamentais ao adolescente, pois, os conflitos decorrentes do processo de transição da infância para a adolescência, podem ser melhor compreendidos através da prática artística.

Portanto, a prática do Teatro no processo desenvolvimento humano possibilita condições para expressividade e vivência. Deste modo, a construção do aprendizado Teatral pode favorecer, de maneira lúdica, a amplitude da capacidade de criatividade de resolução de problemas pessoais, assim como, diferentes possibilidades e expectativas de vida.

Ademais, o debate contínuo sobre estes temas é fundamental para evitar a repetição de padrões prejudiciais e a perpetuação de ciclos de violência na vida de estudantes, contribuindo para o desenvolvimento das suas relações em sociedade.

AEROTIZAÇÃO PRECOCE NAS FESTAS ESCOLARES

Ao ingressar no Programa de Residência Pedagógica em 2022, sob a coordenação da professora Neide das Graças Bortolini e orientação de Dalila David Xavier, iniciei um ciclo de vivências em uma escola que sempre se mostrou única pela forte integração da instituição com a comunidade e pela valorização da cultura popular brasileira e regional. A experiência inicial foi marcada pela celebração do aniversário da escola e pela interação com estudantes, funcionários, docentes e famílias, o que era frequente no cotidiano da escola e destaca a importância do vínculo afetivo e do senso de comunidade.

No entanto, a convivência com a comunidade escolar trouxe à tona situações que exigem uma análise crítica sobre os limites do ambiente educativo e sua responsabilidade na formação de crianças e adolescentes. Durante o Carnaval de 2023, observei comportamentos que considero preocupantes no tocante à sexualização de crianças, como o uso de fantasias inadequadas e a escolha de músicas com letras eróticas, o que afeta diretamente a percepção de crianças em relação à sua sexualidade e ao consentimento.

Um dos eventos que me gerou maior reflexão foi o Carnaval, uma celebração de grande importância na escola e no país. Durante a festa, percebi que muitas crianças estavam expostas a músicas com conteúdo sexualizado, como a canção *Zona de Perigo* (Santana, 2023), cuja letra explicitamente faz apologia ao sexo, utilizando ainda expressões que

dialogam diretamente com a pedofilia, como apresento no trecho abaixo:

(...) Foi beijando minha boca com a mão na minha nuca
 Essa bebê provoca, a bunda dela pulsa
 Vem deslizando (vai)
 Que eu 'to gostando
 (vem) Ela me pede
 (mais)
 Não para não (meu bem) E vem
 sentando gostosinho pro pai
 E vem jogando de ladinho, neném (...)
 (SANTANA, 2023).

A escolha dessas músicas – bem como as coreografias relacionadas a elas e a presença de roupas inadequadas para o ambiente escolar, utilizadas como fantasias – indicam um processo de erotização de crianças e adolescentes, o que pode ter implicações sérias, como a normalização do abuso sexual no cotidiano e a construção de um entendimento distorcido sobre o que é sexualidade. Esse processo faz parte de um fenômeno social maior, que podemos nomear, a partir de estudos feministas, como “pornificação da cultura”. Segundo a socióloga Gail Dines(2011), a pornificação da cultura se estabelece quando a indústria pornográfica passa por um processo de “limpeza” de sua imagem, tornando-se mais palatável e integrada ao cotidiano. Isso acontece por meio do marketing, que funciona como um canal estratégico para transformar conteúdos – antes vistos como explícitos e, por isso, censuráveis – em algo atual, divertido e socialmente aceitável. Ao problematizar esse cenário, não se trata de adotar uma postura moralizante ou conservadora, mas de refletir criticamente sobre como a exposição precoce a modelos hipersexualizados impacta a formação subjetiva e social de crianças e adolescentes. A crítica, portanto, não recai sobre as expressões corporais em si, mas sobre a lógica cultural que transforma corpos jovens em mercadoria e desejo, reforçando desigualdades de gênero e padrões de consumo que atravessam o cotidiano escolar.

Esse fenômeno se espalha por diferentes meios de comunicação, veiculado por músicas, influenciadores digitais, pelos desafios virais e até em brincadeiras aparentemente inofensivas, mas que naturalizam a sexualização excessiva. Elementos que antes eram exclusivos do universo adulto passam a ser incorporados na cultura pop, seja por meio de letras de músicas que glamourizam dinâmicas pornográficas, seja por coreografias sensuais apresentadas como simples entretenimento. Com isso, a pornografia deixa de ser restrita a um nicho e se infiltra no dia a dia, especialmente entre as pessoas mais jovens.

O impacto da normalização é profundo, uma vez que a mercantilização da sexualidade reforça a objetificação dos corpos, principalmente os femininos, e molda padrões irreais de beleza e desejo de consumo. Além disso, tratar este assunto com banalização apaga os limites

entre uma sexualidade saudável e a exploração sexual, contribuindo para a naturalização da erotização precoce, da cultura do estupro, da exploração sexual de meninas e mulheres e da violência de gênero. Ao reduzir a sexualidade a um espetáculo ou mercadoria, a pornificação compromete a construção de relações baseadas no respeito, no consentimento e na conexão genuína.

O termo “cultura do estupro” tem sido usado desde os anos 1970, época da chamada segunda onda feminista, para apontar comportamentos tanto sutis, quanto explícitos que silenciam ou relativizam a violência sexual contra a mulher. A palavra “cultura” no termo “cultura do estupro” reforça a ideia de que esses comportamentos não podem ser interpretados como normais ou naturais. Se é cultural, nós criamos. Se nós criamos, podemos mudá-los (Politize, 2022).

A cultura do estupro também afeta o cotidiano de crianças e adolescentes que, sem educação sexual, não conseguem ter a criticidade suficiente para identificar situações abusivas que são corriqueiras do seu dia a dia. É fundamental que a escola reconheça que, mesmo que estudantes tendo contato com conteúdo erótico fora do âmbito escolar, não se pode ignorar, ou seja, deixar de problematizar o fato de que a hipersexualização atinja níveis exacerbados também em eventos escolares.

No entanto, por mais que esteja abordando um fenômeno maior, de âmbito social, o que destaco neste recorte é o excesso de conteúdo sexualizado, seja por meio das letras ou das coreografias, apresentado precocemente em instituições de ensino, muitas vezes sem ter o devido aprofundamento no que tange às discussões sobre papéis de gênero, consentimento ou respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro. É urgente que as escolas entendam sua responsabilidade na educação sexual de crianças e adolescentes e auxiliem no desenvolvimento de sua criticidade. Considerando que les estudantes presentes nas festividades tenham entre 6 e 14 anos, é necessário refletir sobre a ausência de espaços, seja no ambiente familiar ou na escola, para que possam debater de forma crítica os temas abordados nas músicas.

Ainda que a Escola Municipal Aleijadinho¹ tenha, como já ressaltado, uma forte

¹ Criada pelo Decreto nº 3769 de 21/04/1952 e instalada no Subdistrito de Santo Antônio do Salto, Distrito de Ouro Preto, a Escola Municipal Aleijadinho de 1º grau (1ª a 4ª série), pertenceu a Rede Estadual de Ensino até 1972 quando passou a ser denominada Escola Particular Pandiá Calógeras, tendo como entidade mantenedora Alcan-Alumínio do Brasil S/A. No ano de 1974, a escola voltou a integrar-se à Rede Estadual de Ensino, e tendo autorização para abrir a 5ª série em 1986, a 7ª série e a 8ª série em 1987. A partir de 1997, ocorreu a Municipalização da Escola Estadual Aleijadinho que conforme a Lei Municipal nº41/97 de 12/11/97 e Res.º 8136 de 16/12/97 da S.E.E, passa a denominar-se Escola Municipal Aleijadinho de Educação Infantil e Ensino Fundamental (1ª a 8ª série). Atualmente, a Escola Municipal Aleijadinho de Educação Infantil e Ensino Fundamental conta com 25 funcionários e atende aproximadamente 170 alunos oferecendo a Educação Infantil de 3 a 5 anos e Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. Com visão no futuro, nossa escola tem como missão oferecer ensino de qualidade à comunidade e propiciar condições para uma aprendizagem significativa, atualizada e eficaz, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes dos seus deveres e direitos, capazes de atuar como agentes de mudança no meio em que vivem.

ligação com a comunidade, ela tem se mantido ausente no que diz respeito a colocar em questão os precoces relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes, bem como os numerosos relacionamentos incestuosos que ocorrem no distrito. É necessário salientar que as famílias também não foram educadas sobre essa temática, ou seja, é preciso ser abrangente no processo de formação de toda a comunidade para que se possa alcançar os resultados esperados dentro de uma sociedade mais consciente. A preocupação com a erotização precoce desses corpos deve ser uma prioridade nas escolas, que precisam adotar políticas preventivas claras, como uma seleção cuidadosa de músicas para seus eventos e oferecer educação sexual com profissionais que tenham especial atenção para as relações de gênero e raça, pois estes fatores políticos atravessam nossa sociabilidade.

RELACIONAMENTOS NORMALIZADOS NA CULTURA DO ESTUPRO

Outro aspecto relevante observado foi o ambiente social da escola, em que o “relacionamento” entre adolescentes e adultos é uma prática comum e amplamente aceitável, apesar de se configurar, na maioria das vezes, como estupro de vulnerável, conforme definido pela legislação brasileira. Vale ressaltar que, embora normalizado pela sociedade, a escola pode e deve interferir em situações que possam ser consideradas crime ou passíveis de denúncia. Neste caso específico, foi observada a normalização do comportamento abusivo durante a festa junina da instituição, realizada na praça principal do distrito e aberta à população, quando uma estudante do 8º Ano, com cerca de 14 anos de idade, compareceu acompanhada de seu “namorado”, um homem de aproximadamente 25 anos. Como já frisado, esta situação não é isolada e reflete um problema maior de nossa sociedade, apesar da aceitação social de tais relações levantar questões sobre o papel da escola na formação de valores que preservem a integridade física e emocional de estudantes.

Nesse sentido, afirmo que a educação sexual deve ser utilizada para promover conscientização e prevenção, ao abordar temas como consentimento, respeito e limites de forma clara e acessível a todos as idades. Compreendo que tanto este relacionamento quanto os demais casos de abuso sexual mencionados ao longo deste artigo, demandam uma contextualização histórica que leve em consideração a memória cultural brasileira, pois não estou tratando de episódios isolados que ocorrem apenas no interior de Minas Gerais. Pelo contrário, existe em nossa sociedade um sistema patriarcal que, ao ser colocado em xeque, nos permite compreender as razões por trás da naturalização da violência sexual, especialmente sobre os corpos femininos, o que culmina no que posso nomear como “cultura do estupro”.

A cultura do estupro no Brasil tem raízes profundas no período colonial, quando a

violência sexual foi utilizada como forma de opressão e poder sobre outros corpos, especialmente contra mulheres indígenas e negras. Durante a colonização, essas mulheres eram tratadas como propriedade e quando eram violentadas sexualmente, o ato era, frequentemente, desconsiderado como tal, sendo naturalizado em nosso imaginário sob a perspectiva de que elas eram “quentes” ou “selvagens”: quem nunca ouviu expressões como “mulata da cor do pecado” ou “minha avó foi pega no laço”? Essa objetificação e desumanização de mulheres negras e indígenas por meio de estereótipos ou imagens de controle, como nomeia a feminista negra estadunidense Patrícia Hil Collins (2019), estabeleceu um alicerce para a perpetuação da violação sexual de corpos ao longo da história deste país e de muitos outros que tiveram suas histórias atravessadas pela colonização, criando um ambiente onde o abuso contra corpos racializados se tornou algo frequentemente invisibilizado ou até justificável.

Com o passar do tempo, comportamentos violentos e abusivos se tornaram cada vez mais toleráveis e minimizados pela sociedade, perpetuando uma cultura que desvaloriza o corpo da mulher e normaliza a violência sexual. Essa cultura se reflete na forma como, ao longo da história, o corpo feminino, especialmente o corpo da mulher negra, foi visto como algo a ser controlado, explorado e violado. O estupro, então, se torna uma maneira de reafirmar as relações de poder patriarcais, consolidando a ideia de que o corpo das mulheres está à mercê da dominação de homens, como afirma María Lugones (2020, s/p):

Também é parte dessa história só mulheres burguesas brancas serem contadas como mulheres no Ocidente. (...)As fêmeas não-brancas eram consideradas animais no sentido de seres “sem-gênero”, marcadas sexualmente como fêmeas, mas sem as características da feminilidade. As fêmeas racializadas como seres inferiores foram transformadas de animais a diferentes versões de mulher – tantas quantas foram necessárias para os processos do capitalismo eurocêntrico global. Portanto, a violação heterossexual de mulheres índias ou de escravas africanas coexistiu com o concubinato, bem como com a imposição do entendimento heterossexual das relações de gênero entre os colonizados – quando isso foi conveniente e favorável ao capitalismo eurocêntrico global e à dominação heterossexual das mulheres brancas.

Esses processos de desvalorização do corpo feminino também têm um impacto direto no abuso e na exploração sexual de crianças e adolescentes. A violência sexual contra esses corpos é frequentemente invisibilizada, em grande parte devido à mesma lógica de objetificação e desumanização que envolve a cultura do estupro. A pedofilia se reflete neste processo, uma vez que as crianças, especialmente as meninas, são vistas como objetos para satisfazer os desejos de homens adultos. O ciclo de objetificação e abuso é alimentado por uma sociedade que, em muitos casos, subestima a gravidade da violência sexual e falha em proteger as vítimas dos abusos. A consequência da perpetuação do ciclo abusivo tem lugar na falta de políticas públicas eficazes, o que incide sobre as tamanhas falhas das instituições de ensino e das famílias

des estudantes na percepção do respeito ao corpo e da importância do consentimento. Essas lacunas educativas na formação de sujeitos críticos contribuem para que a pedofilia, assim como outras formas de violência sexual, seja facilmente tolerada ou ignorada. Assim, a naturalização da violência sexual gera um ambiente em que as crianças se tornam ainda mais vulneráveis à exploração e abuso de seus corpos.

Por isso, os casos relatados neste estudo não devem ser vistos como um fenômeno isolado, mas como um legado histórico do colonialismo que continua a impactar a vida de mulheres e crianças. Em ambos os casos, a violência sexual tem suas origens em um sistema de poder que desumaniza e silencia corpos subalternizados.

CASOS DE ABUSO SEXUAL E A RESPONSABILIDADE DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO E PREVENÇÃO

Durante o período em que estive na escola, tive a oportunidade de ouvir relatos de abuso sexual de algumas alunas, cujas idades variavam de 11 a 13 anos. Elas tinham sido abusadas por homens da família ou conhecidos e relatavam sentimentos de confusão e culpa. Diante disso, ofereci minha escuta e orientação, evidenciando que essas situações se configuravam como crimes e que elas não tinham culpa alguma nem fizeram nada que pudesse ter levado à violência.

No entanto, a reação das jovens ao serem informadas de que as denúncias precisariam ser levadas à direção da escola evidenciou o medo e a falta de apoio que muitas vítimas de abuso enfrentam. Elas expressaram receio das repercussões familiares e do confronto com os abusadores, o que demonstra a força patriarcal no silenciamento das estudantes e na impunidade dos agressores. Além disso, a demora no encaminhamento das denúncias à direção e a falta de medidas concretas, por parte da escola, para garantir a proteção dessas estudantes mostram a fragilidade do sistema de proteção dentro do ambiente escolar.

É importante destacar que, muitas vezes, a escola é o único agente do Estado que, por lei, garante a presença diária de inúmeras crianças e adolescentes em suas instalações. Compreendo que esses sujeitos não vivem apenas no ambiente escolar e pretendo, em trabalhos futuros, aprofundar outros recortes relacionados à violência sexual em nossa sociedade. No entanto, devido ao escopo deste artigo, busco, aqui, refletir criticamente sobre o papel das escolas no combate à violência sexual, considerando que elas são a única instituição, além das famílias, que mantém contato diário com crianças e adolescentes.

Diante disso, convido à reflexão: Você teria confiança para contar, na escola em que estudou, que sofreu abuso? Sendo a resposta negativa, pergunto: quantas de nós teríamos outro

lugar para pedir ajuda?

De acordo com o Ministério da Saúde (2024), entre os anos de 2015 e 2021 cerca de 202.831 crianças e adolescentes foram violentadas sexualmente. De acordo com a ANDI (2022), apenas 10 em cada 100 casos são denunciados. Ou seja, se considerarmos os casos não denunciados, são cerca de 2.028.310 crianças e adolescentes violentadas sexualmente nos últimos 6 anos.

Quantas dessas 1.825.479 vítimas que não conseguiram pedir ajuda devem ter frequentado a escola diariamente nestes 6 anos? Analisar os dados evidenciam a necessidade da escola assumir uma postura ativa na proteção de crianças e adolescentes, promovendo a discussão e educação sexual adequadas para cada faixa etária e abordando temas como consentimento, respeito, denúncia e direitos. Além disso, é essencial que existam espaços de escuta e acolhimento, onde crianças e adolescentes possam relatar situações de violência de forma segura.

Para que isso ocorra, profissionais da educação precisam ser capacitados para identificar sinais de abuso e saber como agir ao suspeitar ou receber denúncias. Outro aspecto relevante é a necessidade de uma parceria entre a escola, as famílias e a comunidade, fortalecendo a rede de proteção e promovendo debates responsáveis sobre o tema. Além disso, a escola deve articular-se com órgãos de proteção, como o Conselho Tutelar e o Ministério Público, garantindo que casos de violência sejam encaminhados adequadamente. Por fim, a criação de um ambiente seguro e acolhedor dentro do espaço escolar é fundamental para que estudantes se sintam protegidos e respeitados, contribuindo para a prevenção da violência e o fortalecimento de sua autoestima.

A partir das vivências que tive em meus estágios, reafirmo ainda a importância de haver manifestações da cultura popular, tais como o carnaval e a festa junina, na escola por meio de músicas, danças e fantasias que possam ser entendidas como parte fundamental da identidade e expressão dos estudantes. Entretanto, é preciso distinguir o que se compreende como cultura popular do que pode ser definido como cultura de massa: a cultura popular é a expressão espontânea das tradições e identidades de um povo, transmitida e reinventada ao longo do tempo, como o são as festas juninas e o carnaval. Já a cultura de massa é a produção padronizada de entretenimento por grandes empresas da indústria cultural, amplamente difundida pelas mídias e pela publicidade com o objetivo de alcançar um grande público e gerar lucro. Ela pode também ser vista como um meio de "manobrar a massa", pois, ao moldar os gostos e comportamentos das pessoas, pode influenciar suas opiniões e reforçar ideologias dominantes, tais como a dominação misógina que vai repercutir, como já apontado, em

pornificação da cultura (Dines, 2010).

Por isso, é essencial que elementos como dança e música sejam trabalhados de forma crítica, promovendo reflexões sobre seus significados e impactos. Assim, a escola não deve apenas endossar ou reforçar práticas que podem perpetuar situações problemáticas, nem se isentar de sua responsabilidade, sob a justificativa de que estudantes já têm contato com essas manifestações fora do ambiente escolar. Pelo contrário, é preciso assumir o papel de educação e proteção, garantindo que a cultura seja mais um canal de aprendizagem e criticidade, não apenas uma atividade extracurricular desconectada de uma análise mais aprofundada sobre suas implicações.

CAMINHO INVESTIGATIVO

Durante minha graduação em Artes Cênicas estou aprendendo a ser uma mulher negra e, assim como as crianças e adolescentes com quem trabalhei, aprendendo a fazer de combustível para a ação todas as minhas faltas, minhas memórias de estupro, cada palavra racista proferida contra mim ou contra um dos meus. Tenho aprendido também a sair do lugar de quem só cuida, escuta e serve, me educando a perceber que mulheres como eu, que vieram de onde eu vim, podem ousar sonhar um pouquinho mais alto e que a escrita é um sonho realizado, que nenhuma das minhas puderam ter. Como Conceição Evaristo disse:

E quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito (Evaristo, 2010, *Blogueiras Feministas*).

A escrita nunca tinha sido, antes, o meu lugar: sempre pensei que quem deveria escrever era quem tinha algo de importante para tratar, pois me fizeram acreditar que eu não tinha nada a dizer que valesse a pena ser lido. Isso porque a supremacia branca nos ensina que nossa vivência tem começo meio e fim, ela já nos diz quais os lugares em que devemos andar e o que nos cabe viver. Porém, Conceição Evaristo expande meu olhar ao dizer que este também é o nosso lugar, que nossas vivências e a nossa escrita são urgentes, que precisamos escrever para dizer de nós e aos nossos o que estamos descobrindo da vida, que nós também temos esse direito.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem de passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar

para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30).

Escrever se tornou um caminho que, ao percorrê-lo, cura meu corpo e meu espírito. Nesse sentido, percebo que, quando comecei meus estágios, encontrei diversos espelhos que tinham as mesmas faltas, as mesmas memórias de estupro, o mesmo estrago na autoestima que o racismo deixa, a mesma distância da escrita e os mesmos sonhos calados. Com les estudantes, percebi que a minha cura e a sua eram codependentes, pois, ao buscar caminhos para curar as suas feridas, entendo a minha própria dor. “Dororidade” (Vilma Piedade, 2018). Assim, me vi diante da necessidade de encontrar uma forma de aproximar minha fala de sua escuta, uma forma para que pudessem expressar suas vivências, que instigasse em seus corações o desejo de colocar para fora suas dores.

A forma veio ao cursar a disciplina ART077 *Texturas Cênicas: Ateliê de Escritas*, que despertou em mim o que eu também precisava dizer, o que eu precisava olhar com carinho, me ajudando a ver do que eu ainda fugia. A escuta e a metodologia trabalhadas por Nina Caetano e mallu caetano² fizeram da nossa turma um lugar de acolhimento, nos incentivando a fazer da escrita nosso amparo. Com elas, aprendi que a escrita não tem um padrão de certo e errado: escrita também é arte, podendo ser grito e silêncio. Para mulheres que, assim como eu, aprenderam a ouvir e acolher, mas nunca estiveram em lugar de acolhimento, essa disciplina foi um bálsamo para as feridas que latejavam e precisavam cicatrizar.

Em uma das experimentações de escrita, conduzida por mallu caetano, falamos sobre algumas emoções por meio de um sorteio, utilizando o livro: *Emocionário: Diga o que você sente* (Núñez Pereira; Valcárcel, 2014). Designadas aleatoriamente, elas foram ponto de partida para que escrevêssemos sobre como percebíamos nossos sentimentos, o que me fez pensar em situações que escolhia não acessar cotidianamente. Além disso, ouvir cada colega de curso falando sobre suas emoções me mostrou como vivenciamos dores tão parecidas e como o silêncio adoecia cada um(a) de nós.

Assim, encontrei a forma e o caminho para retornar à escola. Minhas observações sobre a relação entre adolescentes e o espaço de socialização proporcionado pela escola de ciclo básico levaram à concepção e aplicação de uma oficina experimental de escuta e escrita, diretamente vinculada à memória e aos sentimentos. *O que está por trás da sua vergonha? - Oficina de escrita através da escuta ativa* foi realizada na Escola Estadual João Ramos Filho,

² O nome dela se grafa assim, com minúsculas, quase numa homenagem à feminista negra estadunidense bell hooks.

localizada no bairro Cabanas, região periférica de Mariana, contando com a participação de 12 estudantes, sendo 2 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.³ Dentre as pessoas participantes, 9 se autodeclararam negras, refletindo a composição racial – majoritariamente negra – da população do bairro. Além disso, a turma incluía uma estudante com deficiência física e outra com dislexia. Infelizmente a escola não garante acompanhamento adequado a elas, nem o corpo docente recebe qualquer auxílio para realizar a adaptação dos conteúdos, de modo que essas estudantes seguem à margem, isoladas também pela turma.

A escolha dessa instituição se deu, em parte, pela experiência prévia no Estágio Supervisionado I: Observação Participante em Contextos Escolares, realizado em 2024. Durante esse período, pude perceber os esforços da escola para acolher estudantes e seus familiares, mesmo diante de desafios que exigiam atenção especializada. Um exemplo emblemático foi a presença recorrente de crianças de até 10 anos circulando pelo espaço escolar no turno noturno, que se estendia das 19h às 22h40, sem qualquer tipo de monitoramento. Ao questionar uma das funcionárias sobre a origem das crianças, fui informada de que elas eram levadas à escola por suas mães ou avós, que frequentavam as aulas do ensino regular ou do curso técnico oferecido pela instituição. A permanência dessas crianças no ambiente escolar devia-se, em grande parte, à ausência de alternativas seguras para sua permanência em casa, seja por falta de uma pessoa responsável ou pela presença de homens com histórico de violência. Em alguns casos, a escola era o único espaço onde tinham acesso garantido a uma refeição digna para o crescimento saudável do ser humano.

Apesar das boas intenções envolvidas nessa dinâmica, a ausência de supervisão expunha as crianças a diversos riscos. Com essa preocupação, tentei estabelecer um diálogo com a pedagoga responsável pela instituição, porém a profissional preferiu não abordar a questão. Em outra ocasião, perguntei sobre oficinas, palestras ou qualquer iniciativa de prevenção e encorajamento de denúncias de abuso sexual e fui informada que a escola realizava algumas parcerias pontuais sobre educação sexual, mas nada que fosse fixo durando o ano letivo. Questionei ainda sobre quais as falhas ela identificava na forma em que a escola lidava com a violência sexual e ela disse, em entrevista concedida a mim:

³A Escola Estadual João Ramos Filho (código INEP 31356808), anteriormente conhecida como Escola Estadual de Ensino Médio Cabanas, é uma instituição pública de ensino situada na Rua Diamantina, 751, no bairro Cabanas, em Mariana, Minas Gerais. Atendendo prioritariamente ao Ensino Médio nos turnos matutino, vespertino e noturno, a escola funciona de segunda a sexta-feira, das 07:00 às 18:00, e conta com infraestrutura que inclui acessibilidade, laboratório de informática e salas de aula equipadas para o novo modelo de ensino médio. Vinculada à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), a instituição possui um Índice de Nível Socioeconômico (NSE) considerado médio-alto e é reconhecida na comunidade local pelo histórico de aprovações de seus alunos em universidades federais da região.

[...] O que a gente faz realmente é receber essas denúncias, acompanhar esses casos e encaminhá-los para as autoridades. A falha que eu identifico, talvez, é que o que poderia ser melhorado é a receptividade desse jovem que tem que passar por isso, né? E em quem ele vai confiar. Então, talvez, como a escola já abarca tantos problemas sociais, a gente poderia auxiliar esses jovens nesse ponto de maneira mais organizada, para que eles entendessem: “Olha, eu tenho esse caminho a seguir, eu não vou ser exposto, eu vou ser apoiado, eu vou ser orientado, eu vou ser encaminhado”. Da parte da escola, acho que, se isso fosse mais formalizado, talvez ficasse mais tranquilo, digamos assim, para esse jovem denunciar, se sentir acolhido e respeitado na hora de buscar ajuda dentro da escola. Né? Acho que, nesse ponto, poderíamos melhorar, sim, para facilitar esse acesso ao jovem que já está sofrendo até encontrar uma ajuda.⁴

Ao entender essa falta e correlacionar com as minhas angústias e motivações, percebi que aquele era o lugar propício para realizar minha oficina. Durante cinco encontros, abordei temas que, geralmente, são difíceis de ser integrados no cotidiano escolar: autoestima, relações afetivas e sexuais, relacionamentos abusivos, dependência emocional, uso de drogas e válvulas de escape. A proposta da oficina era criar um espaço de diálogo contínuo, permitindo que as pessoas participantes compartilhassem suas experiências de vida, além de dúvidas e reflexões sobre esses assuntos. O objetivo foi proporcionar a elas uma oportunidade de expressar suas opiniões e vivências de forma criativa, promovendo uma reflexão crítica sobre cada tema.

Com *mallu caetano*, aprendi que antes de pedir para o outro ser vulnerável, precisamos nos colocar vulneráveis ou só estaríamos repetindo a atitude de “salvadores” brancos que chegam com a cura nas mãos e levam tudo o que puderem extrair, sem deixar nada de si. Assim, no primeiro encontro da oficina, realizamos a escrita de uma carta à infância, na qual todos foram convidados a refletir sobre os traumas vivenciados e a pensar em como poderiam superar essas dificuldades de uma maneira mais leve e saudável. Escrevi minha carta, para a menina que fui, e compartilhei com a turma:

Oi, hoje eu estou aqui para te ensinar o caminho das pedras de como ter uma boa vida até o momento de hoje. Sei que sua vida vai mudar muito cedo e você não vai mais ver seu pai por muitos anos, mas tudo vai ficar bem. Sua mãe vai se casar novamente e não vai ser com um cara legal. Ele vai tocar em você e por mais que ele diga que é brincadeira, não é. Um dia, você vai assistir a uma palestra sobre violência sexual na escola e vai ter muita vontade de pedir ajuda. Não faça como eu fiz, não tente proteger ninguém. Peça ajuda. Quando crescer um pouco mais, não se coloque em lugares e situações que não quer só para ser aceita. Tentar parecer branca não vai fazer ninguém te amar. Diga “não” quantas vezes precisar dizer. Um dia, você vai se perguntar se é melhor perder a virgindade logo para não sofrer pressão das suas amigas ou se deveria esperar o tempo que fosse preciso, para conhecer alguém que realmente você gostasse. Eu te digo: espere o tempo que for necessário. Não deixe que mais ninguém te toque sem o seu desejo e consentimento. Evite, se a escolha for sua (escrivã da arte-pesquisadora, 2025).

⁴ Entrevista concedida por pedagoga da instituição, realizada em 07 de outubro de 2024.

Apresentar minha vulnerabilidade sem conhecer a turma, foi uma das coisas mais corajosas e surpreendentes que já fiz. Considero importante dizer isso porque a criança que fui nunca se imaginaria neste lugar. De fato, prometemos nosso silêncio. Fugimos de qualquer assunto que pudesse levar alguém a perceber que fomos violentadas. Mas Audre Lorde em: *A Poesia não é um luxo*, me fala que:

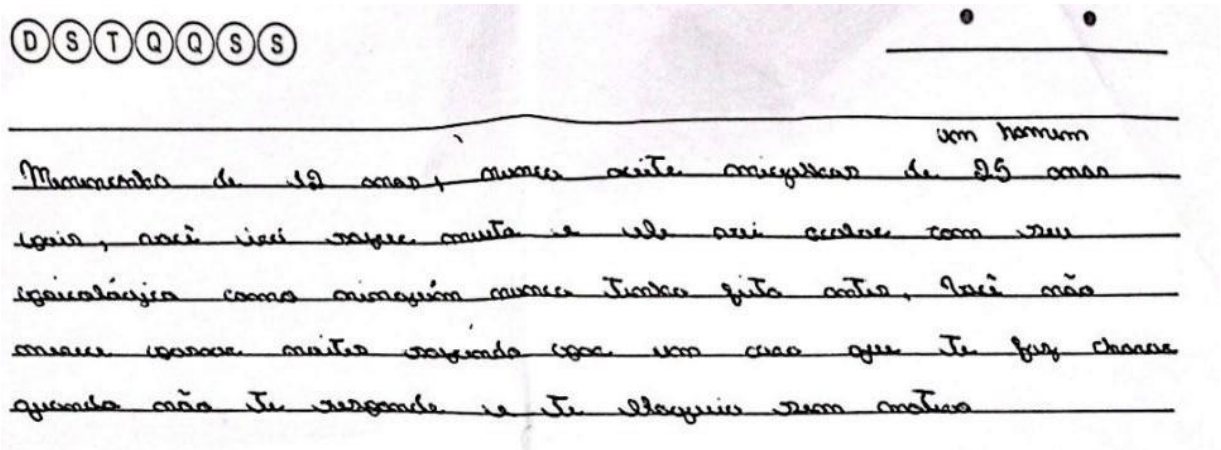
Na medida em que aprendemos a suportar a intimidade da investigação e a florescer dentro dela, na medida em que aprendemos a usar o resultado dessa investigação para dar poder à nossa vida, os medos que dominam nossa existência e moldam nossos silêncios começam a perder seu controle sobre nós (Lorde, 2019, p.45).

Ali estava eu, vulnerável, tirando do silêncio tudo que doía em meu coração, plantando sementes. Durante a leitura das cartas, percebi que, ao invés de sugerirem maneiras de lidar com seus traumas de forma construtiva, muitos estudantes aconselharam suas crianças a fugir das situações de violência. Nesse momento, ressalttei a importância de procurar ajuda quando as coisas ficam difíceis, explicitando que conselhos de pessoas do mesmo círculo social, com a mesma idade, sem base de vivências e maturidade suficientes para aconselhar de forma assertiva, sem julgamentos críticos relevantes para instigar questionamentos, não ajudaria muito, além de poder colocá-los em situações piores. Falei sobre a importância de buscar acompanhamento psicológico no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), se necessário. Muitas das cartas recomendavam, ainda, evitar ou ignorar os sentimentos dolorosos, sugerindo que fosse melhor não sentir, não reviver experiências ou se distanciar de qualquer relação afetiva-sexual. Ou seja, ao invés de refletirem sobre formas de enfrentar o que as machucou de maneira saudável, sua recomendação para a infância era a de evitar as situações que poderiam provocar dor ou desconforto. Isso também me havia sido ensinado durante a infância: Fale baixo! Fecha as pernas! Não dê lugar! Engole o choro! Como se a repressão e a submissão fossem a forma correta para determinados corpos – os racializados, as mulheres e as crianças – viverem em sociedade. A fuga, sugerida como uma estratégia para se proteger, aponta para a dificuldade de lidar com o que dói, de se ouvir, de limpar a ferida exposta e colocar um curativo para cicatrizar sem inflamar mais.

A falta de uma linguagem emocional adequada impediu que muitos conseguissem lidar com seus traumas de maneira mais profunda e consciente. Além disso, les estudantes careciam de uma orientação que ajudasse a compreender que seus sentimentos não eram apenas respostas subjetivas e pessoais, mas muitas vezes estavam relacionados a traumas coletivos que iam além de suas experiências individuais. Questões como a cultura do estupro e o racismo, por exemplo, são traumas que se enraizaram muito antes de seu nascimento e afetam suas vivências cotidianas

de forma direta ou indireta, como a apresentada na escrita da aluna com deficiência que escreveu apenas cinco linhas e, de tudo que poderia ter lhe causado dor, ela diz:

Figura 1: Carta em que aluna relata abuso sexual.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A aluna da carta acima (Figura 1), pensava ter vivido um relacionamento abusivo. No entanto, conversando com a turma expliquei que esse não era um caso de relacionamento abusivo apenas, mas de pedofilia. Falei sobre consentimento e obter certa idade para poder consentir. A dificuldade para identificar as raízes das feridas coletivas impediu que compreendessem o impacto maior desses traumas em suas vidas, fazendo com que suas experiências fossem vistas como isoladas, quando, na realidade, estavam profundamente ligadas aos contextos sociais e históricos mais amplos. Isso evidencia a necessidade de uma abordagem mais integrada, que ajude crianças e adolescentes a compreenderem a conexão entre suas vivências pessoais e as dinâmicas sociais e culturais que as moldam. A maioria dos estudantes que tive contato durante a minha formação não tiveram espaço de diálogo em casa, nem na escola. As meninas viviam a repressão da sexualidade pelas famílias que acreditam que elas sejam novas demais para qualquer relação afetiva-sexual tornando tabu e motivo de briga qualquer assunto que leve essa adolescente a falar sobre sexualidade, desejos, dúvidas e medos.

Já os meninos são encorajados a serem predadores sexuais desde sempre. Não importa a idade, tal atitude é reforçada com ditados populares como “prendam suas cabritas que meu bode tá solto”. Ainda que seja extremamente aberto o debate sobre a sexualidade masculina, nem as famílias e às vezes nem a escola, buscam ensinar sobre consentimento, preservativos, ISTs, gravidez e abuso sexual. Desse modo, a única referência buscada pela maioria das crianças é a pornografia, sendo acessada em média a partir dos 9 anos de idade. Com a falta de referências saudáveis, sem lugar para tirar dúvidas e refletir sobre ter relações afetivas-sexuais,

adolescentes acabam reproduzindo ciclos de relações adoecidas, chegando até a violar corpos pois reproduzem a forma que aprenderam.

No segundo encontro da oficina, percebi que a maioria da turma enfrentava dificuldade para identificar relacionamentos abusivos, frequentemente repetindo padrões prejudiciais a si ou a outras pessoas. Para abordar essa questão, decidi trazer a música *Você parece com vergonha*, de Ajuliacosta, uma rapper negra que dialogava muito com as alunas, especialmente pelo impacto do rap na cultura da cidade de Mariana. A proposta era realizar uma análise coletiva da música, explorando como ela aborda a temática dos relacionamentos abusivos e a importância de se manter uma rotina de vida saudável, de forma a evitar a dependência emocional e os ciclos repetitivos e prejudiciais. Conforme fizemos a leitura de cada estrofe, conversamos sobre a interpretação de cada pessoa sobre o trecho e alinhei com as informações que não conseguiram identificar.

Figura 2: Exercício análise musical: interpretação aluno 1.

Fumando um e ouvindo relíquia
Chapada demais pra dar um salve nas amiga
Dentro de um quarto, com tudo fechado
Tentando bolar um plano pra recuperar a vida. Que vida?
ela no meio da sua solidão.

A pessoa está se acabando
no mundo das drogas e
não quer ver ninguém só.

Fonte: Acervo pessoal (2025).

No trecho exposto acima (Figura 2), conversamos sobre válvulas de escape utilizadas quando não lidamos com algumas questões como fins de relacionamentos, relações familiares conturbadas e tantas outras possíveis motivações, seja uso de drogas, distúrbios alimentares, comportamento sexual imprudente. Aproveitei para alertar como esse comportamento é prejudicial e só duplica os problemas.

Figura 3: Exercício análise musical: interpretação aluna 2.

Han, É memo
Cê tinha abandonado tudo, largado o emprego
Dinheiro e independência é o que uma mulher precisa
Não cair na emoção de só ficar pensando em pica

ela precisa ter um trabalho, e relacionar
com pessoas boas e independentes e ter
no meio sua solidão

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Já o trecho exibido na Figura 3, nos deu espaço para conversarmos sobre dependência emocional e a importância de ter uma vida própria, de modo que, quando alguém sair da sua vida, ainda reste vida em você.

Figura 4: Exercício análise musical: interpretação aluna 1.

Eu vou tirar essa venda e vou te mostrar sua sombra
 Você que tá vivendo a mesma coisa e não enxerga
 Cadê sua postura? Aquele seu jeito de rua? Aquele seu malandreado? Seu estado de alerta?
 Eu também concordo que esse mano tá doente
 Mas o que cê não entende é que a cura não é sua xota
 de ser manipulada.

*que a' amiga
 está tentando
 fazer ela parar
 fazer ela voltar*

a realidade, e

Fonte: Acervo pessoal (2025).

A partir do trecho exposto na Figura 4, falei sobre a importância de se cuidarem e cuidar dos seus. Nesse sentido, evidenciei que, por mais que não aguentem mais ouvir sobre os relacionamentos frustrados de alguém, é crucial ser um lugar de apoio, de confiança. Expliquei, ainda, que ninguém é feliz onde é maltratada e violentada: se a pessoa permanece numa relação que a fere é porque guarda uma dependência emocional ou tem medo de que seu companheiro não aceite o fim da relação. Assim, é fundamental que não sejamos nós mais alguém a virar as costas para a pessoa que vivência uma relação abusiva.

Em relação à música apresentada, a reação da turma seguiu dois caminhos: a maioria demonstrou grande interesse por já conhecer a música e ouvir rap, enquanto algumas pessoas se recusaram a sequer olhar para a letra da música. A rejeição foi especialmente forte entre estudantes que seguiam uma linha religiosa mais conservadora, que associavam qualquer música não evangélica ou não considerada “de Deus” a algo nocivo ou inapropriado. O que pude observar foi o comportamento de três participantes que se recusaram a fazer a atividade. O primeiro aluno, que vivia em negação com a própria sexualidade, disse que não se sentia bem em ouvir músicas com teor sexual, que ficava sem graça. A segunda aluna é uma menina que tem paixão pelo teatro, mas abandonou o projeto que participava na escola por entender que não era a vontade de Deus. A terceira, segundo a professora me confidenciou, vem de um lar violento, em que a mãe é constantemente espancada pelo parceiro. Essa estudante disse que buscar ajuda com profissionais especializados para sair desta situação era falta de vergonha, que quem está em relacionamentos como esse não deve procurar ajuda de pessoas de fora, devem, apenas, buscar a Deus e somente a ele. Argumentei juntamente com a professora que me acompanhava que se pode buscar as duas coisas, da mesma forma que quando estamos com o corpo adoecido buscamos ajuda profissional, quando estamos com o psicológico adoecido também precisamos de ajuda profissional para conseguirmos nos reerguer.

Esse momento me fez refletir sobre como a religião tem incidido diretamente sobre a

capacidade crítica das pessoas, cerceando suas vivências e limitando seu pensamento. É importante destacar que não há problema algum em ter uma religião, mas o que se tornou evidente para mim, com a realização da oficina, é que elas estavam perdendo a capacidade de questionar e refletir sobre questões que não se alinham com os dogmas religiosos aos quais estão vinculadas. A fé, para algumas, se tornou uma barreira para o pensamento crítico, levando-as a fugir de aulas e discussões que poderiam desafiá-las a pensar de forma diferente, a questionar suas próprias crenças e a entender melhor os limites entre a fé e a individualidade. Esse bloqueio dificulta seu processo de autoconhecimento e a compreensão das questões sociais e pessoais que as afetam diretamente.

Tal realidade mostrou a urgência de promover espaços que incentivem a reflexão, a análise crítica e a autonomia, em que les estudantes possam explorar suas crenças, mas também aprender a respeitar e considerar diferentes pontos de vista sem que isso interfira em sua capacidade de questionamento e de desenvolvimento como indivíduos que cumprem funções na sociedade. O desafio, portanto, está em como ajudar les estudantes a compreenderem até onde vai a sua fé e onde começa a necessidade de um olhar mais amplo sobre as questões que os afetam no contexto social, emocional e pessoal.

No terceiro encontro da oficina, percebi que a dificuldade em lidar com seus sentimentos e em reconhecer que eles fazem parte de suas próprias emoções ainda era uma barreira significativa. Muites jovens tinham dificuldades em aceitar que poderiam sentir uma gama de emoções diferentes e esse processo de identificação e aceitação parecia ser um grande desafio. Para abordar essa questão, decidi introduzir o livro *Emocionário: Diga o que você sente* (Núñez Pereira; Valcárcel, 2014), que traz uma série de emoções e suas respectivas definições, com o intuito de proporcionar uma linguagem mais clara para o que sentiam. Para dinamizar, cada pessoa sorteou uma emoção, leu a definição correspondente e escreveu uma memória pessoal associada a ela.

Esse exercício permitiu que dialogassem de forma mais aberta sobre seus sentimentos, sem os julgamentos ou as repressões que costumavam impor a si mesmos. Assim, puderam falar sobre o que estavam sentindo – seja raiva, vergonha, alegria ou demais emoções intensas – e relatar o que havia acontecido para desencadear tais sentimentos, sem a culpa que normalmente acompanhava essas experiências. Esse foi um momento de vulnerabilidade e acolhimento, na qual a turma pode compreender que é natural e válido sentir qualquer emoção, sem precisar se envergonhar ou reprimir o que estavam vivenciando. A seguir, quero apresentar também outros resultados deste exercício, quando realizado com estudantes do 1º ano da mesma escola, durante meu período de estágio supervisionado.

Figura 5: Escrita sobre decepção.

Outra pessoa; A pessoa que era pra mim ter muito orgulho hoje em dia infelizmente eu não tenho.
 Uma pessoa que mata as pessoas por covardia entre outras coisas, não sei se merece ser perdoada, mas Deus sabe de todas as coisas. e todo ser humano erra.
 Eu prometi á mim mesma que se um dia, ele encostar um dedo na minha mãe eu vou ser capaz de matar ele, mesmo sendo o meu pai.

Fonte: Acervo pessoal (2025).

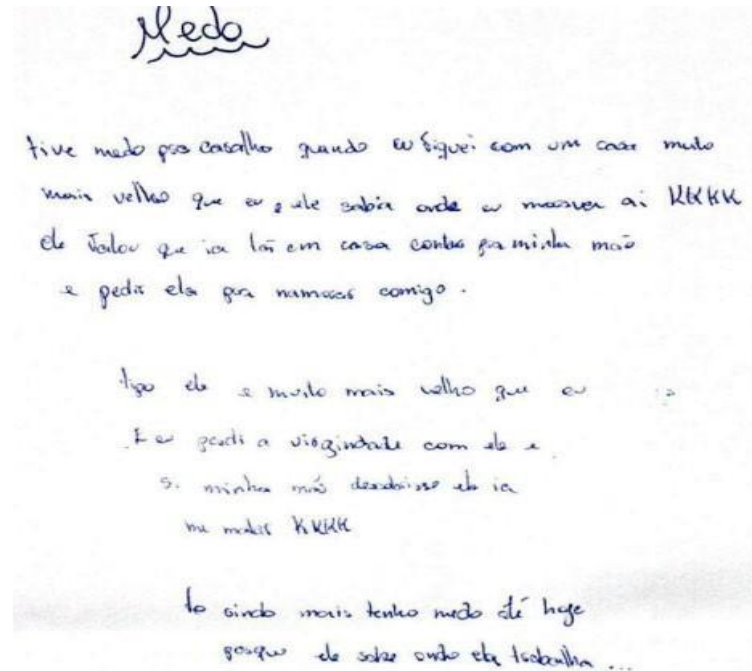
Figura 6: Escrita sobre ódio.

A muitas pessoas que eu odeio (ódio é uma palavra muito forte), muitas pessoas que eu não gosto. E poucas que eu goste, no geral eu não gosto principalmente dos homens. Por algum motivo, eles tem uma energia ruim, e sempre, sempre, desde sempre me fizeram sentir mal, feia e descartável. Pensando na aula anterior, na qual foi comentado sobre pessoas que sofrem com outras pessoas que sofrem.
 Eles sempre sumiram, meu pai sumiu, Será daí o medo de me relacionar?
 Tantas dúvidas, tantas questões...
 Eu realmente deveria ir para terapia



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Figura 7: Escrita sobre medo.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Essas escritas trazem à tona uma infinidade de questões que precisam de atenção. Aqui, não será possível detalhar todas. Pretendo, em pesquisas futuras, trabalhar cada uma delas e seus desdobramentos, mas, por hora, evidenciarei alguns pontos, para uma melhor compreensão de quantas camadas existem no silêncio desses adolescentes.

- Figura 5:
 - Como a relação com responsáveis violentos pode afetar a construção da identidade e das emoções desses adolescentes?
 - De que forma o desejo de vingança pode ser um reflexo da impotência diante da violência doméstica?
 - Como a experiência de medo e raiva pode influenciar futuras relações familiares e afetivas?
- Figura 6:
 - De que maneira o abandono paterno e experiências negativas com homens contribuem para a desconfiança e o afastamento emocional?
 - Como a sensação de descartabilidade pode impactar a autoestima e os relacionamentos afetivos?
 - O medo do abandono está relacionado à dificuldade de criar vínculos saudáveis?

- Como a dificuldade de expressar essas emoções afeta a saúde mental e a necessidade de suporte psicológico?
- Figura 7:
 - Como a diferença de idade e experiência cria um desequilíbrio de poder que pode levar à coerção?
 - De que forma o medo persistente reflete um trauma não resolvido e a ausência de apoio?
 - Como a falta de espaços seguros para falar sobre experiências sexuais leva ao silêncio, à culpabilização da vítima e a incompreensão de possíveis violências sexuais?
 - Qual o impacto do medo e da vergonha na percepção da própria vivência?

Trouxe esses relatos – entre os outros analisados – a fim de ressaltar a ausência de espaços de escuta para adolescentes periféric(a)s que precisam de acolhimento, de ajuda para aprender a cuidar da saúde mental. Nos depoimentos, fica evidente que não têm lugar algum para expurgar tanto sentimento, mágoas, denúncias e traumas. Nesse sentido, a oficina explorou a escrevivência trazendo um pouco de alívio para alguns que, ao desmoronar em sala de aula, após a leitura de suas produções, puderam sentir a dor por detrás do silenciamento deixando-a passar.

Percebi também que, inicialmente, alguns tentaram fugir da escrita, como uma forma de evitar encarar os sentimentos que estavam muito presentes em suas vidas, mas, ao perceberem que estavam se esquivando, pude ajudá-los a tomar consciência de tal comportamento ofertando caminhos para retornar a escrita e lidar com a fuga. Levar uma percepção madura e com direcionamento possibilitou que as pessoas participantes se permitissem vivenciar o que precisava ser sentido. Assim, elas começaram a entender que, ao enfrentar suas emoções e dar-lhes espaço para existir, estavam começando a processar essas experiências de forma mais saudável, sem a pressão de esconder ou minimizar o que estavam vivendo.

No quarto encontro da oficina, propus que cada participante trouxesse um objeto relacionado a um momento em que experimentaram a emoção sorteada anteriormente. O objetivo era criar uma conexão mais profunda com a emoção e permitir que compartilhassem uma história significativa vinculada ao que estavam sentindo. Durante esse exercício, alguns objetos chamaram minha atenção, especialmente a partir dos significados que foram atribuídos

a eles.

O aluno que não quis fazer o exercício de análise musical trouxe uma camisa do irmão que mora longe. Ele explicou que, em muitos momentos de sua vida, precisou de acolhimento e a família se afastou, mas esse irmão sempre esteve presente, apoiando-o. O gesto de amor e compaixão foi um marco importante para ele, pois foi a partir dessa experiência que aprendeu o valor de acolher tanto a dor do outro quanto a sua própria. Esse objeto representava para ele a lição de empatia e a importância de estar disponível para o outro, mesmo quando isso não é a norma dentro do ambiente familiar. A presença do irmão, que demonstrava compaixão em momentos de sofrimento, o fez sentir que não estava só.

Outra aluna trouxe uma medalha de um torneio escolar. Sua emoção sorteada foi o ódio e a medalha representava o que sentiu durante o seu último torneio em jogos estudantis, quando, por causa de um erro de outra aluna, que falsificou a documentação para participar dos jogos, sua equipe e a escola foram desclassificadas. O ódio que ela sentiu foi uma reação direta à injustiça que experimentou naquele momento. Para ela, a medalha simbolizava a raiva acumulada pela frustração e pelo sentimento de ter sido prejudicada. Foi interessante notar como ela reconheceu o ódio não como algo a ser reprimido ou negado, mas como uma emoção legítima, que precisava ser sentida e processada.

Esse exercício desencadeou uma importante reflexão: muitas vezes, nos ensinam que certas emoções, como raiva, inveja ou medo, são erradas ou devem ser evitadas. O que percebi neste encontro foi que les estudantes, ao compartilhar seus objetos e as histórias por trás deles, conseguiram vivenciar essas emoções de forma mais saudável. Assim, puderam compreender que todas as emoções, sejam elas positivas ou negativas, fazem parte da experiência humana e precisam ser sentidas e respeitadas. Ao invés de ignorá-las ou reprimi-las, como muitas vezes faziam, começaram a aceitar essas emoções como parte de sua construção emocional.

Em nosso último encontro, fizemos um lanche coletivo – com o auxílio da minha querida coorientadora mallu caetano – e conversamos sobre como foi esse processo de olhar para dentro, sem ignorar as coisas que machucam, sobre o que ficou da oficina em suas memórias. Fizemos um exercício de resposta das cartas, em que cada pessoa sorteou uma carta, leu e respondeu. Diferente do primeiro exercício, dessa vez a turma falou não sobre ignorar ou fugir dos problemas, mas sobre encontrar formas mais saudáveis de vivenciar experiências negativas.

Enquanto conversávamos, a aluna que tem a mãe frequentemente espancada disse que queria desabafar comigo em particular. Essa aluna sempre se manteve bem fechada durante o decorrer da oficina. Ela me disse que tinha uma professora que ela sempre podia desabafar e

que lhe dava bons conselhos, mas essa professora foi embora há algum tempo e que naquele dia ela sentia que poderia desabafar comigo. Sentamos na arquibancada, no fim da tardezinha de sexta-feira e, com um “copim” de suco de uva, ela me contou sobre 4 anos de relacionamento abusivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre a erotização precoce e a violência sexual no contexto escolar revela a urgência de tratar as questões da saúde pública de maneira crítica e sensível nas instituições escolares. A análise das vivências ocorridas durante os estágios de docência e da realização da oficina na Escola Estadual João Ramos Filho evidencia a necessidade de criar espaços seguros e acolhedores, onde crianças e adolescentes possam abordar temas diretamente relacionados às suas realidades, como a sexualização precoce, os relacionamentos abusivos e a cultura do estupro.

A ausência de formação adequada para docentes e a falta de políticas institucionais que incentivem o diálogo e a prevenção colaboram para a perpetuação de ciclos de violência e desinformação. Por isso, a escola deve proporcionar um ambiente em que estudantes tenham a oportunidade de compartilhar suas experiências e reflexões, não só cumprindo seu papel educacional, mas também se transformando em um local de acolhimento, essencial para o desenvolvimento de relações mais saudáveis e conscientes. A escuta ativa e a promoção de uma reflexão crítica são abordagens indispensáveis para que crianças e adolescentes compreendam a complexidade das violências que vivenciam e reconheçam suas próprias experiências dentro de um fenômeno social maior.

Os relatos dos estudantes, ouvidos durante a oficina, revelam a profundidade dos traumas e inseguranças que enfrentam, ressaltando a necessidade de abordagens pedagógicas que considerem as especificidades de seus contextos. A educação, nesse sentido, deve ir além da mera transmissão de conteúdo, configurando-se como um espaço de formação integral, promovendo a autonomia, o respeito e a dignidade de todas as pessoas.

Nesse sentido, a escola tem a responsabilidade de desconstruir a normalização da violência sexual e da erotização precoce, contribuindo para a formação de uma geração mais crítica e consciente dos seus direitos e deveres. Para tanto, é essencial que se invista na capacitação docente contínua e na criação de políticas educacionais que priorizem a saúde emocional e física de estudantes, assegurando que todos possam vivenciar sua infância e adolescência de forma plena, segura e respeitosa. A escola, neste cenário, tem um papel crucial na desconstrução da cultura patriarcal, criando espaços de reflexão e conscientização que

ajudam a prevenir tanto a violência contra mulheres quanto o abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

Embora este estudo tenha dado a ver questões relativas à erotização precoce e à violência sexual no ambiente escolar, é possível perceber que muitos pontos ainda necessitam de detalhamento e aprofundamento. Assim, pretendo dar continuidade a essa investigação em estudos futuros, nos quais terei condições de explorar as questões abordadas com maior profundidade, ampliando a análise e as possibilidades de ação no combate às violências que acometem nossa juventude.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Bárbara. **Conceição Evaristo**: literatura e consciência negra. Disponível em:
<<https://blogueirasfeministas.com/2011/11/22/conceicao-evaristo/>>. Acesso em: 1 mar. 2025.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento. Editora Boitempo, 2019.
- DINES, Gail. **Pornland: How porn has hijacked our sexuality**. Editora Beacon Press, 2010.
- EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos. Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 2020.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: Ensaios e Conferências. [s.l.] Autêntica Editora, 2019.
- LUGONES, María. **Colonialidade e Gênero**. IN: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas decoloniais**. Editora Bazar do Tempo, 2020.
- MAIA, Dominique; MEDEIROS, Letícia. **Como assim, cultura do estupro?** Disponível em:
<<https://www.politize.com.br/cultura-do-estupro-como-assim/>>. Acesso em: 1 mar. 2025.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE E AMBIENTE.
Boletim Epidemiológico: Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021. [s.l.] 54, 2024.
- SANTANA, Léo. **Zona de Perigo**. (M. Gomes, W. Lopes, Eds.), 2023. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=0cnUcoXllMM>>. Acesso em: 1 mar. 2025
- VALCÁRCEL, Rafael. R.; PEREIRA, Cristina. N. **Emocionário**. [s.l.] Sextante, 2014.
- PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. 1. ed. São Paulo: Editora Nós, 2018.